

O Papel da Figura Feminina em três obras Românticas: “A Dama das Camélias”, “As Asas de um Anjo, e “Lucíola”

The Role of the Female Figure in three Romantic works: “The Lady of the Camellias”, “The Wings of an Angel, and “Lucíola”

Patricia Thomasini¹
Maiquel Röhrig²

Resumo

Este artigo analisa três obras do romantismo, a saber: “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas Filho, “As Asas de um Anjo” e “Lucíola”, de José de Alencar. O objetivo é compreender o papel da figura feminina presente no título das obras. Buscaremos verificar a relação dessas personagens com outros personagens e de que modo se articulam com o período literário e com o período histórico em que estão inseridas. A metodologia consiste na leitura das obras literárias, verificação de relações intertextuais e pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam a intertextualidade entre as obras de Alencar e Dumas, bem como as estratégias dos autores para, a partir das personagens protagonistas, revelar hipocrisias da sociedade e, ao gosto do Romantismo, realizar críticas sociais.

Palavras-chave: Romantismo; Papel da Figura Feminina; Intertextualidade; Alexandre Dumas; José de Alencar.

Abstract

This article analyzes three works of romanticism, namely: “A Dama das Camélias”, by Alexandre Dumas Filho, “As Asas de um Anjo” and “Lucíola”, by José de Alencar. The objective is to understand the role of the female figure present in the title of the works. We will seek to verify the relationship of these characters with other characters and how they articulate with the literary period and the historical period in which they are inserted. The methodology consists of reading literary works, checking intertextual relationships and bibliographical research. The results point to the intertextuality between the works of Alencar and Dumas, as well as the authors' strategies to, based on the protagonist characters, reveal hypocrisies in society and, in the style of Romanticism, carry out social criticism.

KEYWORDS: Romanticism; Role of the Female Figure; Intertextuality; Alexandre Dumas; José de Alencar.

1 Introdução

Almas como as de Lucia, Deus não as dá duas vezes à mesma família, nem as cria aos pares, mas isoladas como os grandes astros destinados a esclarecer uma esfera (Alencar, 1995, p. 126).

¹ Bacharel em Direito. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0382-9926> E-mail: pthomasini1@gmail.com.

² Doutor em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3647-8212> E-mail: maiquel.rohrig@bento.ifrs.edu.br.

As personagens femininas têm sido objeto de análises sob diferentes perspectivas dada a emergência dos estudos de gênero. As discussões no âmbito da literatura refletem mudanças na sociedade, a saber, o fato de que atualmente as mulheres exercem diferentes papéis na sociedade: profissional, artista, intelectual, e não apenas mãe e esposa, como foi em outras épocas. Em vista disso, as análises literárias vêm cada vez mais se debruçando sobre questões relativas ao modo como as personagens femininas são representadas, sobretudo em narrativas e peças teatrais.

A escolha da temática deste artigo deriva de questionamentos sobre a figura feminina, os quais sempre me acompanharam. Primeiramente, por ser mulher e, posteriormente, por refletir sobre as seguintes questões: qual é o papel da mulher na sociedade em que vivemos? Quais são as condenações impostas às mulheres que optam por seguir caminhos diferentes do “padrão” estabelecido pela sociedade? Qual é o impacto dos preconceitos sobre as mulheres? E como tudo isso se manifesta na literatura?

A partir desses questionamentos, selecionamos um *corpus* constituído de obras relacionadas à representação da figura feminina. Escolhemos personagens cujas vidas afrontam a moral. São personagens mulheres que representam cortesãs, moças que optaram por não seguir um “padrão” por questões diversas, que sofreram preconceito e, de alguma forma, perderam o seu “valor” de mulher perante a sociedade da época.

Para a análise, selecionamos três obras do Romantismo: “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas Filho (1848); “As Asas de um Anjo” (1858) e “Lucíola”, de José de Alencar (1862). As obras “A Dama das Camélias” e “Lucíola” são escritas em prosa; “As Asas de um Anjo” é do gênero dramático. Todas as obras tratam de relacionamentos amorosos entre as protagonistas com um par romântico do sexo masculino. As personagens femininas são prostitutas, enquanto os personagens masculinos, por outro lado, são homens respeitados pela sociedade, com valores morais e éticos ditos elevados.

Como problema de pesquisa levantamos o seguinte questionamento: qual é o papel da figura feminina nessas três obras românticas? Para responder esta questão, arrolamos as seguintes possibilidades: as personagens femininas podem ter o papel de heroínas, vítimas, mártires, submissas, revolucionárias. Todas podem estar ligadas a um homem considerado livre. Além disso, trazemos para a análise a seguinte questão: essas mulheres assumem o papel de protagonistas da obra ou são personagens secundárias?

O nosso objetivo geral é identificar como as personagens femininas são retratadas em cada obra. Nossos objetivos específicos consistem em (i) diferenciar as personagens femininas em cada obra,

considerando sua função no texto; e (ii) identificar as relações intertextuais nas obras; (iii) verificar as mudanças ocorridas na transposição de uma obra para outro contexto (França x Brasil) e outro gênero textual (teatro x romance).

Os procedimentos metodológicos adotados na realização da presente pesquisa constituíram-se a partir da leitura atenta das obras literárias, fichamento e elaboração de tabelas comparativas, bem como pesquisas bibliográficas. Nesse sentido, Gil (2002, p.44) afirma que as pesquisas baseadas em fontes bibliográficas poderão abarcar livros de leitura corrente e livros referentes. Pensando nisso, segmentamos a metodologia de pesquisa em quatro etapas para facilitar o percurso da escrita e da análise.

A primeira etapa consistiu na leitura das três obras literárias. A segunda etapa foi o momento de realizar os fichamentos das leituras de cada obra. A terceira etapa consistiu na técnica de coleta de dados e de informações, na qual foi realizada a criação de quadros comparativos referentes a cada uma das obras, considerando especialmente a figura feminina da protagonista (ações, diálogos, reações e relação com outros personagens). A quarta etapa consistiu na busca e na realização de leituras de referencial teórico sobre as obras literárias, com foco precisamente no tema escolhido por nós: “o papel da figura feminina representado nas obras literárias”.

O trabalho justifica-se porque o Romantismo é um período literário extremamente influente e que ainda repercute em diversas produções culturais contemporâneas. Compreendê-lo significa também entender o nosso tempo. Os estudos de gênero são cada vez mais relevantes em um mundo em que as relações entre homens e mulheres são percebidas como construções culturais. E, se a literatura contribui para essas construções, analisá-las é fundamental.

2 O Período literário do Romantismo

O período literário denominado “Romantismo” inicia-se no Brasil em 1836 e estende-se até o ano de 1881 (Bosi, 2018). Na Europa, seu marco inicial é a publicação do romance “Os sofrimentos do jovem Werther”, de Goethe. O sujeito é o núcleo da visão romântica do mundo, e, no caso dos romances em primeira pessoa, é o responsável pela emissão da mensagem produzida. As características do Romantismo que podem ser visualizadas nas obras objeto de análise deste artigo são: escapismo, exagero, idealização,

crítica à sociedade (Bosi, 2018, p. 97). Cada uma dessas características será analisada nos capítulos seguintes.

O romance de folhetim foi a grande revolução literária do Romantismo. Nesse contexto, “A Dama das Camélias” e “Lucíola” incorporam as características do gênero folhetinesco, a saber: capítulos curtos, foco em um personagem, núcleo narrativo único, linguagem simples (considerando os padrões da época), enredo com ações e peripécias (Garcia, 2010). O público leitor era composto principalmente por jovens e mulheres, que buscavam encontrar na literatura a projeção dos próprios conflitos emocionais. O romance foi um excelente índice dos interesses da sociedade (Bosi, 2018, p. 102).

As pessoas, por vezes, procuram, em romances, uma forma de escapismo da sua realidade, e também “soluções” para os seus conflitos emocionais. A literatura pode proporcionar ao leitor vivências e experiências através da prática de leitura. Os clássicos literários permitem que o indivíduo recrie o contexto histórico, social, e se identifique nos conflitos vivenciados pelos personagens (Calvino, 2007). Os efeitos proporcionados pela leitura poderão ser diversos, tais como: paixão, raiva, emoção, sensibilidade, carinho, tristeza entre outros.

Diante dessa reflexão, as obras selecionadas para a análise neste artigo possuem personagens que vivem situações conflituosas atemporais, com as quais, portanto, leitores atuais ainda podem se identificar, sobretudo adolescentes, a saber: relacionamentos amorosos turbulentos e malvistas pelos pais. Alencar, em “As Asas de um Anjo”, representa o tema sob uma ótica própria, relacionando sua obra intertextualmente com o romance de Alexandre Dumas Filho, “A Dama das Camélias”, obra que será novamente objeto de inspiração para Alencar no romance “Lucíola”. Em vista dessas correspondências, o presente artigo analisará a seguir estas três produções do Romantismo.

2.2 Síntese das três obras literárias: a Dama das Camélias (Alexandre Dumas Filho), As Asas de um Anjo (José de Alencar) e Lucíola (José de Alencar)

Marguerite é a personagem principal do romance “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas Filho (1848). Marguerite torna-se cortesã porque fica deslumbrada com a ideia de uma vida luxuosa. Ela é uma mulher bonita, sincera, autoritária e controladora. Marguerite sabe e reconhece que é a cortesã mais desejada de Paris e é segura de si com sua opção profissional. A personagem é auxiliada financeiramente

pelo Duque e pelo Conde, seus primeiros amantes, e acredita que o dinheiro destes é uma forma de valorizá-la. Ela demonstra não acreditar no amor entre homem e mulher, até o momento em que Armand apaixonase por ela, e não a considera indigna por ser uma prostituta. Marguerite é apresentada a Armand como uma “mulher da vida”, mas, mesmo assim, ele luta por seu amor inclusive enfrentando resistências de sua família. Marguerite, por causa do pai de Armand, afasta-se dele, e acaba tendo um final trágico.

A personagem principal da obra “As Asas de um Anjo”, de José de Alencar, apresenta muitas semelhanças com Marguerite. Trata-se de Carolina, moça que é convencida a viver como cortesã, porque também se iludiu com a ideia de uma vida luxuosa. Ela é uma moça doce, inocente e ingênua, não reconhece a sua beleza jovial e diferentemente de Marguerite, acredita no amor entre homem e mulher. Carolina mostra-se insegura sobre a vida que decide viver com o Senhor Ribeiro (seu primeiro amante), e sente-se como um objeto deste. Marguerite, ao contrário, é segura sobre a sua formosura, decidida sobre a sua escolha de viver a vida com o Duque e com o Conde. Na obra “As Asas de um Anjo”, expressões como “mulher da vida e cortesã” não são utilizadas para se referir à personagem. O desfecho da história de Carolina é o que se pode considerar um final feliz, pois ela consegue reaver sua vida e se casar com um homem que a ama.

Lúcia é a personagem principal do romance *Lucíola*. Lúcia e Marguerite consideravam que o amor entre um homem e uma mulher era inalcançável. Lúcia é uma cortesã de luxo que se arrepende de sua decisão. Marguerite e Carolina escolhem viver como meretrizes porque desejavam uma vida luxuosa. Lúcia, por outro lado, ingressou na profissão de cortesã para poder auxiliar sua família, quando esta lutava contra graves problemas financeiros e de saúde. A bela jovem recebe uma proposta de um homem rico e vende o seu corpo para auxiliar a família. Lúcia reprovava as suas atitudes e não tinha orgulho de si e das suas escolhas. A personagem é apresentada a Paulo (narrador do romance) como uma “moça fácil”. Paulo, assim que a viu, encantou-se por sua beleza. Ao saber que era cortesã, comove-se, mas, posteriormente, apaixonou-se. Assim como Marguerite, Lúcia tem um final trágico.

Nos romances “A Dama das Camélias” e “*Lucíola*”, as protagonistas morrem após ficarem doentes e sofrerem física e emocionalmente, enquanto na peça “As Asas de um anjo” Carolina tem um final feliz e casa-se com Luís, seu amor de infância. Chama a atenção que os romances obtiveram grande sucesso junto ao público. A peça teatral de José de Alencar, contudo, foi censurada após a estreia.

Por que romances em que as protagonistas, cortesãs, morrem tragicamente agradam o público, e textos em que a cortesã tem um final feliz são censurados? Antes de responder essa questão, vejamos o

que a história e a crítica literária dizem a respeito dessas obras, considerando-se os principais manuais de História da Literatura utilizados no Brasil.

3 A Crítica Literária a Respeito das Obras de José de Alencar

Segundo Candido (2017, p. 536), a inspiração de Alencar surgia da realidade à sua volta e da leitura de escritores renomados do período, tais como Alexandre Dumas Filho, Alfred Vigny, Victor Hugo, Honoré de Balzac e François-René de Chateaubriand. Pode-se ver, claramente, que, em “Lucíola” e “As Asas de um anjo”, a leitura de Alexandre Dumas Filho se fez inspiração, pois as obras dialogam intertextualmente com “A Dama das Camélias”, romance este que é, inclusive, citado em “Lucíola”, sendo lido pela protagonista:

Era um livro muito conhecido — A Dama das Camélias. Ergui os olhos para Lúcia interrogando a expressão de seu rosto. Muitas vezes lê-se não por hábito e distração, mas pela influência de uma simpatia moral que nos faz procurar um confidente de nossos sentimentos, até nas páginas mudas de um escritor. Lúcia teria, como Margarida, a aspiração vaga para o amor? Sonharia com as afeições puras do coração? (Alencar, 1995, p. 73).

José de Alencar, no período de 1857 a 1860, dedicou-se ao teatro, retornando ao romance no ano de 1862 com a obra “Lucíola”. O romance é marcado por vários diálogos entre os personagens, além das situações sem peripécias ou ações inverossímeis, bem como o gosto pelo conflito psicológico. Lucíola foi um romance de grande sucesso e é considerado um dos três ou quatro livros mais famosos que o romancista escreveu (Cândido, 2017, p. 536).

Segundo Bosi (2018, p. 145), o romancista sempre acreditou nas “razões do coração”, mas as sombras do moralismo romântico que carrega aumentam e afrontam o mundo antinatural (como o casamento por dinheiro em “Senhora” e a sina da prostituição em “Lucíola”). Contudo, a dignidade das protagonistas, no foro íntimo, sempre será salva. Em “Lucíola”, a dignidade da moça é salva por meio da morte, através da qual ela se torna uma mártir e seu pecado é expiado. Em “As Asas de um Anjo”, Carolina tem sua dignidade salva pelo perdão do pai e pelo casamento com seu grande amor, Luís. Também é assim no romance de Dumas Filho, no qual a dignidade da protagonista é salva pela confissão ao padre antes da sua morte.

José de Alencar, em suas peças teatrais, através de sua personalidade ambígua, registrou seus pontos de vista, marcados pelo desejo de oferecer às massas representações teatrais com temáticas polêmicas. Segundo Moisés (1984, p. 119), “Os desfechos de suas peças sempre dependiam de uma solução forjada, e acusam o respeito à ordem estabelecida”.

No entanto, “As Asas de um Anjo” acabou por sair de cartaz no terceiro dia após a sua representação, acusada de imoral, posto que o público entendeu que a comédia estava a premiar a cortesã. O romancista explica que o público não compreendeu a metáfora da comédia. A mensagem que o romancista pretendeu demonstrar seria a de que a comédia exaltava os padrões burgueses, e demonstrava, com o casamento da personagem, que o amor era a única forma de redenção (Moisés, 1984, p. 121).

A seguir, analisam-se as obras “A dama das Camélias”, “As asas de um anjo” e “Lucíola”, considerando os objetivos mencionados anteriormente.

4 Análise do Papel Feminino das Protagonistas

As três personagens femininas das obras selecionadas são amplamente complexas, havendo muitas semelhanças e diferenças entre elas. As personagens Marguerite, Carolina e Lúcia não são meramente prostitutas. São mulheres dotadas de inteligência, as quais, apesar da prostituição, possuem amor próprio, donas de uma beleza física fascinante, cultas, damas que frequentam lugares de elite da época, e, devido às grandes experiências, são mulheres bem instruídas sobre a forma de encarar as dificuldades e desafios da vida. Além disso, essas personagens possuem acesso a eventos culturais como o teatro, e são inegavelmente cultas, carregando consigo o hábito da leitura. Quando apaixonadas, levam a sério a fidelidade aos amantes que escolheram amar, e o fazem por amor e não pela questão econômica destes (Souza; Guerra; Sousa, 2002).

Marguerite Gautier, de “A Dama das Camélias”, é uma jovem linda, decidida e bem resolvida. A moça é a cortesã mais cobiçada de Paris, e não sente remorso pela escolha de ser prostituta. Era amante dos rapazes mais elegantes e ricos da região. Marguerite costumava assumir abertamente a relação com seus amantes. Geralmente, estes se vangloriavam disso, como se fosse motivo de “orgulho” ter Marguerite como amante, como se pode perceber neste trecho:

Eu também sabia, como todos os que frequentam certo meio em Paris, que Marguerite fora amante dos rapazes mais elegantes, que ela o admitia abertamente e que eles próprios se vangloriavam disso, o que provava que amantes e amante estavam constantes uns com os outros (Filho, 2021, p. 29).

Na obra “Lucíola”, a personagem Lúcia, ou Maria da Glória, conforme foi batizada, semelhante a Marguerite Gautier, é uma mulher jovem e muito bonita. É também a cortesã mais desejada do Rio de Janeiro. Mas, diferente de Marguerite, não havia decidido ser uma meretriz, e sentia-se impura por ser cortesã. Lúcia, diante de uma necessidade de saúde em relação a sua família, viu-se obrigada a se prostituir aos quatorze anos de idade. Por causa disso, carregava consigo um sentimento de desprezo e de vergonha. A seguinte passagem corrobora essa afirmativa:

Dignidade de quem se despreza a si mesma! O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes! O que vale para mim? O mesmo, menos ainda, do que o vestido que despir, este é de seda e custou o que não custa uma de minhas noites. Oh! creia, mais nua do que há pouco me sinto eu agora, coberta como estou e aqui onde a sombra nem lhe deixa ver meu rosto!... Porém sua alma vê o que fui e o que sou, e tenho vergonha! (Alencar, 1995, p. 45).

A personagem Carolina, de “As Asas de um Anjo”, é uma jovem bonita, ingênua e inocente, que foi seduzida pelo Senhor Ribeiro a desfrutar de uma vida de ostentação, com luxo, brilhantes e beleza, sob a condição de aceitar ser sua amante. Carolina hesita, mas, ao final, o Senhor Ribeiro não espera pela decisão e acaba por levá-la de casa sem o seu consentimento.

Carolina utilizava uma fita com laços de cor azul clara como enfeite em seu cabelo. A cor azul representa a inocência e a pureza da moça. No momento em que o Sr. Ribeiro a leva de casa, a fita cai no chão. Luís (primo de Carolina e seu amor de infância), apanha a fita e a guarda consigo. Posteriormente, a personagem se arrepende e despreza a vida que tem levado. A promessa que o Senhor Ribeiro havia feito à jovem era de uma vida luxuosa, com joias, brilhantes e muita riqueza, mas a realidade vivenciada por Carolina não foi esta. A moça deixa explícito o seu arrependimento: “Oh! Não me zango! Já estou habituada à vida triste a que me condenaste. Mas hoje...” (Alencar, 2004, p. 337).

Assim, podemos perceber que as personagens de Alencar deixam explícito o arrependimento que possuem das suas escolhas e da vida de cortesãs que levam. Lúcia demonstra receio e vergonha ao saber que as pessoas pudessem ter comentado sobre a sua vida pessoal e os seus amantes com Paulo (seu amado). Ao contrário, a personagem de “A Dama das Camélias” evidencia sua segurança e convicção de

estar resolvida sobre a escolha de ser uma cortesã. Marguerite fala abertamente sobre os seus amantes e não demonstra vergonha em ter tido vários relacionamentos.

Nas três obras em questão, é possível identificar um momento-chave, o qual denominamos “Primeira Ceia”. Nestas cenas, sempre ocorre algo importante, como ações e diálogos marcantes para as personagens. As personagens revelam o que pensam sobre sua forma de vida e demonstram um lado mais vulnerável, sentimental, emocional e sincero a respeito do que sentem sobre a vida de cortesãs. O quadro a seguir procura evidenciar alguns dos principais conteúdos presentes nestas cenas.

A Dama das Camélias	As Asas de um Anjo	Lucíola
<p>Ocorre na casa de Marguerite junto a Gaston e a Prudence.</p> <p>Marguerite fica vulnerável devido à sua doença do pulmão, situação em que tosse sangue.</p> <p>Em momento algum Marguerite confessa a Armand se sentir infeliz com a vida que tem levado. Realizam combinações em relação aos critérios de amante.</p>	<p>A ceia ocorre pela primeira vez em um salão de Hotel.</p> <p>Momento em que Carolina assume e afirma não estar feliz com a vida que tem levado, pois lhe fora prometido uma vida com luxo, riqueza, festas e felicidade, o que não tem ocorrido.</p>	<p>Ocorre na casa de Sá, com Paulo, Sá, Rochinha, Nina e Laura, Sr. Couto, Lúcia e mais uma amiga de Lúcia.</p> <p>Lúcia demonstra a sua vergonha e desprezo pela vida que leva para Paulo. Arrepende-se por ser uma cortesã.</p>

Quadro 1: A primeira ceia.
Fonte: Elaborado pela autora.

As personagens Marguerite, Carolina e Lúcia são diferentes em essência e atitudes. Uma característica que apresentam em comum é sentirem-se, pelo menos em algum momento da narrativa, “objetos” dos amantes com quem se relacionam. Quanto à beleza e à vaidade, Marguerite era a mais segura de todas. Ela sabia também que não podia se apaixonar, pois o “Direito de Amar” não era dado às cortesãs, consideradas impuras, meros objetos de seus amantes. Carolina, por sua vez, acreditava no amor, mas também sentia-se um objeto do Sr. Ribeiro. A moça inocentemente julgava que a partir do momento em que fossem devolvidos todos os presentes que o seu amante havia lhe oferecido, não seria mais um objeto e estaria “livre” para amar e se envolver sentimentalmente e verdadeiramente com outro homem.

Já Lúcia era insegura. Considerava-se uma mulher sem grandes dotes de beleza nem poderes de sedução. A personagem desvaloriza-se, como se fosse uma mulher sem nenhum atributo especial. Em certo

momento da narrativa, Lúcia é descrita como um objeto de posse pelo Senhor Couto, um dos seus amantes. Ele deixa claro que naquela noite Lúcia não pertencia a si mesma. Não possuía independência nem autonomia. Couto afirma que Lúcia “é um objeto, um bem do homem” (Alencar, 1995, p. 79).

É possível perceber outra característica comum entre as obras. Armand apaixona-se por Marguerite, e Paulo apaixona-se por Lúcia, mas ambos não as consideram indignas apesar de serem cortesãs. Armand tem ciúmes e não concorda com a escolha desta de ser prostituta. O amado de Marguerite em nenhum momento chega a mencionar que a considera indigna. Na primeira ceia, no momento em que Marguerite se retira da sala de jantar por estar passando mal, Armand vai ajudá-la. Nesta cena, os dois dialogam, e Marguerite questiona se o jovem a ama, e ele responde: “como um louco apesar de qualquer coisa” (Filho, 2021, p.128).

O ciúme de Armand é demonstrado no momento em que Marguerite afirma que alguém a esperava. Armand diz que nada podia lhe causar um mal maior que a afirmação de alguém estar à espera de Marguerite em sua casa durante a noite (Filho, 2021, p. 11).

No romance “Lucíola”, Lúcia encena e imita posições de personagens de pinturas (tratava-se de uma noite de orgia). As posições eram provocantes, sensuais, e Lúcia estava desnuda. Paulo estava presente e não recebeu bem a demonstração de sua amada, por esse motivo se retirou da ceia, enquanto Lúcia permaneceu a realizar a sua “apresentação” para os outros convidados.

Na obra “As Asas de um Anjo”, o amado de Carolina reprova a opção de fuga de Carolina com o Senhor Ribeiro para viver uma vida de luxo. Luís tenta convencer Carolina a não se entregar, mas Carolina é seduzida e ao final o Senhor Ribeiro aproveita-se de um momento de distração de Margarida (Mãe de Carolina) e de Luís e leva a moça embora. Mais tarde, Carolina diz estar “habituada com a vida triste” a que o seu amante a condenou, e que as promessas de felicidade em meio ao luxo, nas festas e riqueza, eram falsas e ilusórias (Alencar, 2004, p. 337-338).

Em uma passagem que Luís conta a história que ocorreu com Carolina em terceira pessoa e declara o seu amor por esta, Luís explicita seu rancor, e diz que, embora o amor fora perdido, poderia ser reconquistado um dia “com algumas notas de banco, seria possível comprar a afeição que não pôde alcançar em troca da sua vida” (Alencar, 2004, p. 359). Além disso, Carolina menciona que toda vez que vê o amado fica triste e sofre por sentir que ele a despreza (Alencar, 2004, p. 391).

Outro ponto importante que merece destaque é a forma como as cortesãs são vistas e descritas pelos seus amantes e ex-amantes. Em “Lucíola”, no momento em que Paulo questiona seu amigo Sá sobre quem era a “senhora” que ele havia cumprimentado (no caso aqui, Lúcia), Sá responde que “não é uma senhora, e sim uma mulher bonita” (Alencar, 1995, p. 15). As cortesãs não eram consideradas mulheres de “respeito”, como fica evidente neste trecho: aos olhos da sociedade que a conhecia, no entanto, essa senhora nada mais era que uma cortesã. Uma figura marginalizada que até por seus amantes era vista como “uma mulher que só pode ser apreciada de copo na mão e charuto na boca, depois de ter no estômago dois litros de champanha pelo menos” (Alencar, 2010, p. 59). Em outro momento da narrativa, Paulo exemplifica como essa classe de mulher, no fundo, era vista pela sociedade, e em alguns momentos, devido ao ciúme, pelo próprio Paulo: “Esta noite a senhora não se pertence: é um objeto, um bem do homem que a vestiu, que a enfeitou e cobriu de joias, para mostrar ao público a sua riqueza e generosidade” (Alencar, 2010, p. 73).

Considerando os exemplos acima, de que mulheres prostitutas eram vistas apenas como objeto de desejo dos homens, bem como sua função única de agradar os seus amantes, Souza, Guerra, Sousa (2022, p. 05) afirmam que, “embora homens das elites estabeleçam relações sexuais e afetivas com cortesãs, seu amigo o lembra de que ela não deve ser tratada com respeito ou deferência”.

Na cena da festa de Santa Glória, Paulo questiona se o fato de Lúcia estar naquele local em determinado dia tinha relação com a devoção a Nossa Senhora da Glória. O amigo de Paulo (Sá) aproveita para zombar de Lúcia e utiliza as seguintes expressões: “A Lúcia devota!.... Bem se vê que não a conhece” (Alencar, 1995, p. 15). Através dessa passagem, é possível demonstrar como os ex-amantes e os amantes de Lúcia a enxergavam, como uma figura sem valor e que não merece respeito somente por ser uma prostituta. Em outro momento, é possível perceber tal “insignificância e desprezo” quando Paulo questiona se o Sá conhece bem Lúcia, e este responde que intimamente, mas que é uma dessas “moças fáceis”, a quem contudo é preciso fazer a corte por algum tempo. Sá complementa dizendo que “é tempo de abrir a carteira, dando-lhe uma pulseira de brilhante, ou abrindo-lhe um crédito ‘Wallerstein’” (Alencar, 1995, p. 21).

No que diz respeito a Marguerite, Ernest, amigo de Armand, utiliza a seguinte metáfora para descrever as cortesãs: “São como os cães em que colocamos perfume, eles acham o cheiro ruim e vão rolar na lama” (Filho, 2021, p. 79). Sobre Marguerite, dizem que “Ela é mal-educada mas é uma bela amante para se ter” (Filho, 2021, p. 80). Nessa passagem, novamente pode-se perceber o preconceito, bem como a desvalorização das cortesãs, as quais não são consideradas mulheres de valor.

Outro fator importante que merece destaque é a morte de Marguerite e Lúcia. Ambas morrem ao final das narrativas, porque a morte é uma forma de “perdão” para essas mulheres que, perante a sociedade, eram consideradas pecadoras. “A morte é visualizada como a expiação, a condenação que conduz ao sacrifício humano, o arrebatamento de si mesmo, a expiação do pecado perante ao quesito religioso, é a morte como punição e não é um castigo, e sim a entrega da vida à lei da vida natural” (Nath; Silva, 2010, p. 211). Marguerite morre devido ao grande sofrimento de tentar suportar a perda e a impossibilidade de ficar junto do seu amor Armand, o que agrava sua tuberculose. Conforme a passagem revela:

A renúncia ao amor e o pecado que as atormenta, as leva à própria autopunição e autocondenação, pois não se sentem dignas, frente às concepções religiosas da época, de constituírem um relacionamento fraterno e familiar numa sociedade que pune e condena a imagem da mulher prostituta ou adúltera, não possibilitando a esta o perdão e o recomeçar de uma nova vida (Nath, p. 212, 2010).

A personagem Lúcia, assim como Marguerite, morre ao final da narrativa. A jovem Lúcia engravida de Paulo, mas sofre um aborto espontâneo. A cortesã recusa-se a tomar um remédio para expelir o feto, situação que ocasiona uma infecção letal. A personagem morre e acredita que a sua morte a faz para expiar os seus pecados: “Deus sorriu e o consórcio de nossas almas se fez no seio do Criador. Fui tua esposa no céu! E, contudo, essa palavra divina do amor, minha boca não a devia profanar, enquanto viva. Ela será meu último suspiro” (Alencar, 1995, p. 126).

5. Considerações finais

Ao iniciar a escrita deste artigo, introduzimos um questionamento como o problema de pesquisa, o qual consistia em examinar qual é o papel da figura feminina em três obras românticas: “A Dama das Camélias”, “Lucíola” e “As Asas de um Anjo”. Registramos, como possibilidades para o papel da figura feminina: heroínas, vítimas, mártires, submissas ou revolucionárias. E, por fim, em nosso problema de pesquisa, consideramos avaliar se essas mulheres assumem o papel de protagonistas da obra ou são personagens secundárias.

Na obra de Alexandre Dumas Filho (2021) “A Dama das Camélias”, a personagem feminina analisada é Marguerite Gautier, a prostituta mais cobiçada de Paris. Ao longo da narrativa, não é revelado o motivo de a personagem ter optado por ser uma meretriz. Marguerite sempre impõe limites às suas relações

com os seus amantes. A moça estabelece regras claras que devem ser respeitadas na relação por ambos. A personagem impõe horários e esclarece o seu gosto por viver de forma “livre” e sem cobranças. Marguerite é uma moça resolvida e decidida. Além disso, a moça possuía um código moral que seguia fortemente, em que se recusava a envolver-se com homens casados.

Através das características apontadas, e conforme as análises demonstradas neste artigo, podemos perceber que Marguerite é uma mulher segura, resolvida, decidida, inteligente. Além disso, sua exposição pública por ser uma prostituta perante a sociedade - o que ela não se esforça em ocultar -, e por expor de forma livre e espontânea os relacionamentos com seus amantes, podemos atingir o resultado de que se trata de uma personagem revolucionária. Revolucionária porque, apesar dos padrões sociais de comportamentos e etiquetas impostos para as mulheres da época, Marguerite decidiu não seguir o padrão nem aceitar os julgamentos, e escolheu ser e manter-se prostituta.

Marguerite pode ser considerada uma heroína porque abre mão do seu relacionamento com o seu amado para atender as necessidades da família do pai do jovem. O Senhor Duval (pai de Armand) ordena, com chantagens emocionais, que Marguerite fique longe do seu filho com a justificativa de “proteção” da sua família, devido à situação “vexatória” que poderia vir a ser a sua relação amorosa com o seu filho. Diante dessa situação podemos considerá-la uma mártir por abrir mão da sua felicidade e sofrer por amor, em prol da felicidade da família de Armand.

Marguerite ainda pode ser considerada uma vítima. Vítima da sociedade em que viveu. Vítima de um preconceito social devido aos padrões de comportamento impostos. Vítima de uma sociedade patriarcal. Vítima de uma manipulação do Senhor Duval para “proteger a sua família”. A alegação de Duval é de que, na sociedade da época, não era permitido que prostitutas se relacionassem com homens por sentimento, porque o papel delas era apenas servir aos desejos dos seus amantes.

A obra “Lucíola” opera intertextualmente com “A Dama das Camélias”. É possível reconhecer diversos paralelos, seja na temática, seja na forma, seja no destino trágico dos relacionamentos. Alencar (1995, p. 81) inclusive insere no romance uma referência à obra de Dumas Filho, dizendo que o livro “A Dama das Camélias” estava sendo lido por Lúcia. Neste romance, é revelado o motivo pelo qual a moça é cortesã. Lúcia, ao contrário de Marguerite, era uma mulher infeliz e insegura. Ao analisar a causa que levou Lúcia a tornar-se uma cortesã, é possível perceber a escolha como um motivo nobre da personagem. Toda a família da jovem estava doente devido ao grande surto de febre amarela que acometeu a cidade. A menina

tinha apenas 14 anos e não tinha como oferecer mantimentos à sua família. Lúcia queria ajudar, ao menos oferecer comida, e resolveu prostituir-se após a insistência de Couto. Através do dinheiro, a menina, que até então chamava-se Maria da Glória, conseguiu oferecer comida à sua família, e salvar a vida de seu pai, sua mãe e sua irmã.

Lúcia pode ser considerada uma heroína, porque consegue salvar a sua família através da venda do seu corpo e virgindade, e aceita resignada o sofrimento que vem como consequência, uma vez que seu pai, ao descobrir o que ela fizera, a expulsa de casa. Lúcia/Maria da Glória é uma personagem forte e corajosa, e também é uma mártir. Mais do que isso, é uma mártir cristã, porque, devido à sua crença, considera-se pecadora e condena-se por isso, desejando penitenciar-se para expiar seus pecados. A moça acredita que o sofrimento pode livrá-la da culpa e “limpar” sua alma. Por isso, ao sofrer um aborto, opta por não extrair o feto morto e morrer lenta e dolorosamente de infecção.

“Lucíola” foi uma obra escrita posteriormente à encenação da peça “As Asas de um Anjo”. Nesta obra, podemos identificar a intertextualidade com “A Dama das Camélias”, mas de modo mais superficial, apenas na temática. No entanto, o desfecho da personagem é totalmente oposto, sendo a única das três obras aqui analisadas que possui um final feliz para a mulher. A jovem Carolina é uma menina inocente e pura, levada pelo Senhor Ribeiro (seu primeiro amante) a viver como uma cortesã. Nesse caso, a meretriz não possui a liberdade que as cortesãs Lúcia e Marguerite possuem para determinar a escolha das regras dos relacionamentos com os seus amantes, sendo praticamente prisioneira do Senhor Ribeiro. Carolina demonstra, através de palavras e atitudes, a sua insatisfação com a vida que tem com o Senhor Ribeiro, inclusive, alega terem sido ilusões todas as promessas de riqueza, festas e felicidade que ele fez a ela.

Carolina é uma vítima, porque era uma menina pura e inocente, e o Senhor Ribeiro a retira de seu lar, sem esta concordar com a ideia e sem que possa optar por uma alternativa. O Senhor Ribeiro obriga-a a acompanhá-lo e ninguém consegue intervir para salvá-la. Ao final desta cena Carolina perde os laços das fitas azuis que costumava utilizar. Deste modo, é possível perceber que houve uma certa brutalidade no momento em que a jovem foi deslocada pelo seu amante. A relação de Ribeiro e Carolina é de submissão feminina. Além do seu amante ser extremamente ciumento e controlador, a moça é dependente financeiramente dele. A cortesã afirma que se sente escrava do seu amante, e que não possui mais liberdade sobre a sua vida.

Uma outra pergunta foi sugerida para responder o nosso problema de pesquisa: essas mulheres assumem o papel de protagonistas da obra ou são personagens secundárias? Através das leituras e análise das obras, é possível perceber que as personagens - Marguerite, Carolina e Lúcia (Maria da Glória) - são figuras essenciais para as histórias. Sem essas personagens a história não existiria. Da mesma forma, essas personagens são o eixo em torno do qual se desenvolve a crítica a uma sociedade que submete as mulheres a uma lógica patriarcal e moralista, bem como estigmatiza aquelas que, ou por vontade, ou por necessidade, se tornaram prostitutas.

Na obra “As Asas de um Anjo”, é possível perceber que José de Alencar teve como objetivo criticar a sociedade da época, com uma certa ousadia, a partir do momento em que tornou possível um final feliz a uma prostituta. O autor, através principalmente do final da obra, questiona os valores e padrões sociais da época. Alencar tenta demonstrar que, apesar de ter sido uma prostituta, caso deseje, a moça poderá casar-se. Por fim, o autor demonstra que a cortesã terá o direito de constituir uma família e ter um final feliz, igualando-a às outras mulheres da sociedade.

As obras aqui analisadas não versam somente sobre a temática do sentimento amoroso e os modos como se constroem as relações amorosas entre os personagens. Elas questionam os padrões sociais impostos às mulheres, e, por isso, se mantêm vivas e atuais, mesmo após dois séculos de sua publicação. Marguerite, Lúcia/Maria da Glória e Carolina são personagens que representam pessoas que podem cruzar o caminho de todos nós, todos os dias. Pessoas que permanecem sob o jugo do preconceito e da opressão, e que, talvez, possam encontrar alguma esperança se obras como “A Dama das Camélias”, “As Asas de um anjo” e “Lucíola” forem lidas de modo a evidenciar a denúncia que realizam contra uma sociedade hipócrita, machista, preconceituosa e opressora. Porque o preconceito e a opressão também são combatidos com cultura, e talvez a cultura seja uma forma de buscarmos uma sociedade em que as mulheres não sejam mais tratadas somente como objetos do desejo dos homens.

As análises desenvolvidas neste artigo foram realizadas com base na intertextualidade entre as obras analisadas. A primeira obra é de Alexandre Dumas Filho (1848); “A Dama das Camélias”. A Dama das Camélias foi a obra na qual Alencar inspirou-se. “As Asas de um Anjo” (1858) e “Lucíola” foram obras publicadas posteriormente à Dama das Camélias. Alencar escreveu “As Asas de um Anjo” e, devido à peça ter sido censurada sob alegação de que afrontava valores morais da época, escreveu “Lucíola”, dando à cortesã um final trágico para agradar o gosto do público.

Segundo Moisés (2016, p. 115, p. 115-116) Julia Kristeva foi a responsável pela criação do conceito de intertextualidade nos anos de 1960. Ela criou o conceito a partir de duas concepções de dois conceitos definidos por Mikhail Bakhtin: polifonia e dialogismo. A intertextualidade tornou-se mais intensamente praticada no século XX.

Com base nos estudos de Carvalho (2006, p. 51), Kristeva renova o estudo literário por meio do conceito de intertextualidade. Diante disso, o que anteriormente era compreendido como uma dívida que um texto adquiria com o seu antecessor, passou a ganhar um novo significado, sendo assim um processo natural e contínuo de reescrita de textos. Com base nessa perspectiva, os textos literários são analisados a partir das relações que existem entre eles

Por fim, sabemos que toda a repetição está carregada de intencionalidade, com objetivo de renovar os significados do texto anterior. Quando a repetição de uma obra literária ou texto ocorre, acaba por atualizar, renovar ou até mesmo reinventar um novo texto, através de conexões com o original (Carvalho, 2006, p. 53-54). Através desses conceitos e destas reflexões, podemos concluir que a intertextualidade é uma forma de inspirar-se em um texto original para escrever um outro, atribuindo-lhe novos sentidos. Nesse caso, é o que ocorre entre as obras analisadas. A obra de Dumas Filho, “A Dama das Camélias”, se passa na França em Paris na época de 1848.

A obra foi fonte de inspiração para a criação de Alencar das obras “As Asas de um Anjo” e “Lucíola”. Na peça teatral “As Asas de um Anjo”, Alencar modifica a história trazendo um final feliz para a prostituta, criando um novo texto. Na obra “Lucíola”, Alencar atualiza o romance com base no contexto de época e no local em que a história é ambientada, a cidade do Rio de Janeiro.

As personagens femininas das obras de Alencar, Carolina e Lúcia/Maria da Glória são moças inspiradas na personagem Marguerite de Alexandre Dumas Filho. As cortesãs são semelhantes em seus atributos físicos, de serem moças bonitas, esbeltas, sensuais, suas vestimentas também são semelhantes à de Marguerite, por serem moças luxuosas, todas são inteligentes e costumam frequentar teatros. Entretanto, quando falamos em personalidades, todas - Marguerite, Carolina e Lúcia/Maria- são diferentes. Trata-se de personagens com personalidades complexas, e com pensamentos de vida diferentes.

O significado da palavra “preconceito”, segundo o dicionário Aulete Digital, (Preconceito, 2008) define-se: “Opinião ou ideia preconcebida sobre algo ou alguém, sem conhecimento ou reflexão”. Mais precisamente, trata-se de um pré-julgamento a respeito de algo ou alguém. O preconceito social com

indivíduos que optam por não seguir os padrões impostos pela sociedade, acabam por gerar modos de vida limitados, perigosos e na maioria dos casos conduz à exclusão de círculos sociais.

O Romantismo é um período literário extremamente influente, marcante e que ainda repercute em diversas produções culturais contemporâneas. Compreendê-lo, conforme já afirmamos, significa também entender o nosso tempo. Os estudos das personagens femininas, mulheres cortesãs nas obras literárias, puderam proporcionar à pesquisadora uma visão crítica referente ao preconceito que essas mulheres vivenciam em suas vidas, através dos personagens masculinos, de forma machista e explícita. O final trágico vivenciado pelas personagens Lúcia e Marguerite deixa evidente que, para a sociedade, prostitutas não podem relacionar-se, casar-se e apaixonar-se, como se fossem indignas, e a única forma para que o perdão aconteça é através da morte dessas moças.

Através das leituras, análises, pesquisas e estudos, a pesquisadora deu um novo significado às leituras desses livros. Foi possível compreender que as obras não versam somente sobre a temática de uma história de amor, mas sim, trata-se de obras que relatam o preconceito sofrido por essas moças, e a opressão de uma sociedade que não aceita um final feliz quando se trata da vida dessas mulheres, devido a ser um relacionamento “malvisto”.

Com o estudo do período do Romantismo, pode-se analisar e refletir sobre a temática do preconceito contra as prostitutas, através de uma história de amor entre dois personagens. Atualmente, existem os preconceitos referente às relações homoafetivas, vivenciadas por adolescentes, jovens e adultos, e que muitas vezes são malvistas pelos pais e pela sociedade. Através da literatura, os professores podem trabalhar essas temáticas de forma aprofundada, e as obras românticas são um importante ponto de partida, proporcionando aos alunos reflexões e a construção de opiniões.

Ao ler a primeira vez “A Dama das Camélias”, “As asas de um anjo” e “Lucíola”, emocionei-me com as histórias vivenciadas pelas personagens, pelo sentimento de amor existente entre Marguerite e Armand, Luís e Carolina, Paulo e Lúcia. As histórias são tão bem construídas, as características do escapismo e exagero estão muito presentes na narrativa, o que leva o leitor a compreender que se trata de dois personagens perdidamente apaixonados, mas que não conseguem ficar juntos. São obras emocionantes, pois os finais são trágicos e tocam o nosso coração. A idealização das moças (Marguerite e Lúcia), que são descritas com características minuciosas, consegue cativar a imaginação do leitor. E conforme a narrativa avança, e os acontecimentos vão se sucedendo, torcemos para que no final os amantes permaneçam juntos.

Posteriormente, as releituras, análises realizadas, reflexões apresentadas, estudo e pesquisa, a visão e o entendimento sobre as narrativas mudaram. Ao final deste artigo, foi possível concluir que a literatura é a arte na qual as pessoas buscam expressar-se através da linguagem escrita, as emoções, conflitos amorosos, conflitos existenciais, problemas sociais e morais, vivenciados na vida cotidiana, com base em histórias inventadas, que são transformadas em páginas de livros.

Compreender a complexidade da construção das personagens, bem como a construção da narrativa, e por fim o entendimento das nuances, propõe uma visão crítica sobre a obra. Perceber de forma prática através das análises aqui realizadas, que nada na construção das obras é por acaso e conseguir construir a reflexão sobre o fundamento do preconceito dos homens com essas mulheres nas obras analisadas, contribuiu para que, como futura professora de literatura, eu deseje realizar essas reflexões e análises profundas com os alunos.

Mulheres como essas personagens existem no mundo real, mas não paramos para refletir por que, afinal de contas, essas moças não podem ser felizes. Embora saibamos que na sociedade atual existam algumas “Lúcias” e “Marguerites”, que sofrem preconceitos, e poucas “Carolinas” que conseguem se “salvar” e ser feliz, nunca pensamos sobre como a realidade vivenciada por essas mulheres pode ser difícil, e muito dolorosa, e, se a literatura contribui para estes questionamentos e construções, analisar é fundamental.

Referências

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo. Ática S.A, 1995.

ALENCAR, José de. *As Asas de um Anjo*. São Paulo. Martins Fonte Editora Ltda, 2004.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 52.ed. São Paulo. Cultrix, 2018.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira Momentos Decisivos*. 16.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. 4º ed. São Paulo: Áticas, 2006.

FILHO, Alexandre Dumas. *A Dama das Camélias*. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2021.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, p.44, 2002.

GARCIA, Débora Cristina Ferreira. *Folhetins do século XIX: uma prática de leitura apaixonada*. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/ac16adb3-6009-4865-88e5-064f5546caa5>>. Acesso em 23 de jun. de 2023.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 1. ed. São Paulo.: Cultrix, 1984.

NATH, Silvana; DIAS, Acir da Silva. *A Dor e a Lágrima no Cinema e Na Literatura: Um Estudo Preliminar. Travessias*. Cascavel, Paraná, v. 4, n. 2, p. 210 -226, 2010. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4159>>. Acesso em: 27 de set. 2023.

PRECONCEITO. In: *DICIO, Dicionário Aulete Digital*. Rio de Janeiro: Lexicon: 2008. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/preconceito>>. Acesso em: 13/11/2023.

SOUZA, César Martins de; GUERRA, Gutemberg Diniz Armando; SOUZA, Neide Maria Fernandes Rodrigues de. *Da Dupla Moral Social ao Sacrifício Vicário em A Dama das Camélias, de Alexandre Dumas Filho, e Lucíola, de José de Alencar. Feminismos*, Universidade Federal da Bahia, Vol. 10, N. 2 e 3, p. 1-19, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/49238/27709>>. Acesso em 22 de set. 2023.

Data de submissão: 08/09/2024. Data de aprovação: 21/10/2024.